

O pêndulo das estatísticas 327

Encerrada a apuração oficial do primeiro turno das eleições presidenciais, é possível confirmar, estatisticamente, que cada um dos institutos de pesquisa envolvidos na divulgação de projeções eleitorais tanto errou como acertou os resultados do pleito. A escolha de uma ou outra alternativa, em qualquer dos casos, depende do ângulo sob o qual se queira observar os números e do uso que se faça das tendências por eles apontadas.

Todos acertaram, por exemplo, a vitória do candidato do PRN, Fernando Collor de Mello. Alguns, naturalmente, acertaram mais do que outros — ou erraram menos. Collor terminou o primeiro turno com 28,52% do total de votos apurados, muito próximo dos 29,4% projetados pelo Gallup, um pouco mais distante dos 30% previstos pelo Ibope e pelo Datafolha e bem longe dos percentuais indicados pelo Vox Populi, que conferiu ao candidato quase quatro milhões de votos

acima do que ele realmente obteve.

Os equívocos mais graves ocorreram com as projeções que indicavam o adversário de Collor no segundo turno. Neste capítulo, o campeão do erro foi o Datafolha, que estimou uma diferença de 4 pontos percentuais entre os votos que seriam dados ao candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, e ao do PDT, Leonel Brizola. Lula passou para o segundo turno com 16,08% dos votos apurados, Brizola reuniu, oficialmente, 15,45% das preferências dos eleitores — diferença de apenas 0,63%, ou escassos 455.370 votos. Se estivessem corretos, os percentuais publicados pelo jornal que patrocina o Datafolha determinariam a vitória de Lula sobre Brizola com uma diferença de quase 3 milhões de votos — equivalentes ao eleitorado do Ceará. Da projeção do Datafolha à realidade das urnas restou um abismo produzido por um erro superior a 500%.

Ao se distanciar da reali-

dade e das projeções dos demais institutos — que previam um empate entre Lula e Brizola — o Datafolha permitiu, aos encarregados de analisar e divulgar suas estimativas, apostar em algo cujas chances estatísticas de se confirmar oscilavam numa faixa pouco superior a 50%. Em relação às comadres que tentam antecipar o sexo das crianças que vão nascer, os adivinhos que manipularam a pesquisa levaram uma pequena vantagem probabilística.

O uso correto das projeções eleitorais impede, de todo modo, que se crucifique o Datafolha. Levando-se em conta a margem de erro de 2% proclamada por seus responsáveis, é possível encontrar, nos seus percentuais, um empate entre Lula e Brizola, cada qual com 16% dos votos. Basta tirar 2% de Lula e acrescentar 2% para Brizola e praticamente se terá o resultado das urnas. "Passamos o ano inteiro explicando que o resultado das pesquisas deve ser visto dentro das margens de erro", alega Antonio Manuel Teixeira Mendes, diretor do Datafolha, provavelmente convencido de que não foi ouvido — inclusive por quem o contrata.

No mundo das probabilidades e das estatísticas — como se vê a cada nova eleição e a cada nova eleição se esquece —, as verdades, se existem, usam verbos no condicional. Embora tenha sido o único dos grandes institutos a prever a vitória de Brizola sobre Lula, o Gallup, de acordo com os especialistas, foi o que mais se aproximou da realidade numérica, apresentando o que os técnicos chamam de menor desvio amostral. “Estatística não é adivinhação, é metodologia”, ensina o professor da USP Carlos Alberto de Bragança Pereira, presidente da Associação Brasileira de Estatística. “Ao contrário de um bisturi, estatística não é instrumento científico. Portanto, não prova nada por A mais B.”

